

Histórias que constroem o acesso à educação universitária – Entrevista com Agostinho Rodrigues

Stories that build access to university education – Interview with
Agostinho Rodrigues

Daniel Arrebola

daniellarrebola@gmail.com

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santos - PPGCS/UFES. Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro. Colaborador da Unidade Experimental de Imagem e Som - UESI/UENF. Bacharelado em Ciências Sociais pela PUC Rio, com domínio adicional em Antropologia, Arte e Cultura (2014). Pós-Graduação Latus Sensu em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade dos Jesuítas de Belo Horizonte (2016).

Introdução

A Pastoral Universitária da PUC Rio, em 2012, criou o Curso Pré-Vestibular Anchieta, idealizado pelo seu primeiro coordenador, Anderson Inácio. Do segundo semestre de 2012 até 2015, o Agente de Pastoral, Daniel Arrebola, assume a coordenação e a disciplina de Atualidades.

O projeto nasceu com o intuito inicial de auxiliar os próprios funcionários da instituição ou de empresas terceirizadas, que não possuíam nível superior e também não viam a perspectiva de ingressar em tal nível. Com o passar dos anos, observou-se a necessidade de auxiliar pessoas em situação de baixa renda do entorno da universidade, como forma de atingir o público visitante da mesma e também aumentar a atuação social junto à comunidade local.

Dentre as muitas histórias existentes na dinâmica do curso, escolhemos uma delas para que se possa tornar conhecida e, através do olhar de um ex-aluno, falar sobre o curso. Trago então nesta breve entrevista a história de Agostinho Rodrigues, ex-aluno do Pré-Vestibular Anchieta entre os anos de 2012 e 2013 e que, após ser aprovado no tão sonhado curso de Filosofia da PUC-Rio, agora é conhecido entre seus amigos como o filósofo Agostinho.

Entrevista

Para as pessoas que não te conhecem, quero começar a entrevista perguntando: quem que era o Agostinho que chegou no pré-vestibular, naquele ano de 2012?

Agostinho Rodrigues: Certa vez eu dei um exemplo ao estimado Professor Carmelo, que é uma pessoa idealizadora do projeto NEAD [Núcleo de Educação de Jovens e Adultos]. Eu me comparei com aqueles gatos que andam lá no campus da PUC. Temos eles nos jardins. Alguns bem tratados, outros maltratados, alguns bonitinhos e outros meio que abandonados. Eu convivia na PUC desde que eu moro aqui na Gávea. Eu moro aqui há 42 anos e nesse tempo todo eu sempre frequentei a PUC, mesmo sem ter algum vínculo. Eu frequentava como qualquer transeunte, como morador de rua, talvez. E era comum as pessoas me compararem lá dentro com algum aluno, ou talvez até professor e até algum funcionário. Eu sempre falei a verdade: “não, não tenho vínculo, eu frequento porque eu gosto do ambiente”. E até que certa ocasião, por volta do ano 1999, eu fui convidado para fazer parte do NEAD, que existia lá atrás do Bandeirão. Hoje ficou ali uns containers do pessoal da limpeza. Ali, em 1999, existia uma carpintaria. Era literalmente um barraco onde funcionava a sala de aula. Eu frequentei durante

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2022 | V. XV | N. 15 | EDIÇÃO ESPECIAL
COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA ANCHIETA DA PUC RIO.

alguns anos, até que no ano de 2002 eu fui agraciado com o diploma de formatura de conclusão do ensino médio e coisa que antes de frequentar a PUC era algo que eu levei muitos anos tentando, mas a minha criação sempre foi a máxima de que primeiro você tem que trabalhar e estudar é a última coisa a fazer, porque até então era, digamos que, estudar coisa de vagabundo, era coisa de quem ele não tinha nada para fazer. Eu tinha vontade para estudar, mas eu sempre trabalhei por necessidade. Eu não vou nem dizer educação porque isso daí é de casa, mas o conhecimento, a sabedoria eu sempre procurei. Foi um canto assim que eu parei em 2002, com o ensino médio e, de 2002 até 2012, portanto dez anos depois eu comecei a tentar os pré-vestibulares e iniciei com projeto êxito, na Escola Parque do Colégio Salesiano. E finalmente eu cheguei no vestibular da Pastoral e foi quando eu conheci mais outras pessoas, como o Anderson (Anderson Ignácio - primeiro coordenador do Pré-Vestibular Anchieta) e o próprio Júnior (Walmyr Junior – antigo coordenador do Pré-Vestibular Anchieta. Depois de várias tentativas entre vestibulares, que na época era caro pra caramba e durante muitos anos eu paguei aquela taxa para fazer o vestibular e, paralelamente, também prestando a prova do Enem, nesse período eu consegui comprar um carro zero quilômetro através de um consórcio que eu paguei durante seis anos. No vestibular da PUC para o curso de Filosofia aí é que a minha ficha caiu com relação ao conceito de felicidade, coisa que até hoje mesmo, depois de formado, eu procuro resposta concreta e satisfatória sobre o conceito de felicidade. Comprar o carro zero quilômetro foi uma alegria momentânea, mas quando eu recebi a notícia que no vestibular passei para o curso de Filosofia aí é que eu vi o que era a felicidade maior, porque, honestamente falando, eu fiquei assim uma semana chorando de emoção de contentamento. Verdade! Isso não tem exagerando. Eu não acreditava naquele feito, como se tivesse acertado uma mega-sena. Agora na condição de um acadêmico. Até então eu me via com o pé dentro e um pé fora da PUC, mas quando eu botei os dois pés juntos dentro na condição de aluno é que o meu contentamento foi bem maior e esse contentamento se estende até hoje, depois de 2018, depois formado pela PUC em Filosofia. Eu ainda carrego comigo esse contentamento, mas ao mesmo tempo não é um contentamento de quem já se sente dono da verdade, dono da razão, e sim ainda achando que falta muito por aprender.

Agostinho, eu te conhecia e via o quanto você tinha de trabalho para fazer durante o dia, para se sustentar, e ainda assim frequentando assiduamente o pré-vestibular. Como foi para você esse período do curso? Quais eram as expectativas ao receber aquelas novas informações de um curso preparatório para uma universidade?

Agostinho Rodrigues: O início foi muito, eu não sei se massacrante é palavra certa. Eu acho que não é por aí, mas foi um período de muitos obstáculos e até hoje eu tenho a minha velha máxima de que não existe obstáculo intransponível para quem for persistente, e eu me considero um exemplo vivo, a modéstia não me impede de falar isso. Eu me lembro muito bem das primeiras aulas de Filosofia e das palavras de uma grande professora, eu me lembro até hoje palavras: "difícil não é entrar para a Filosofia, difícil é ir até o final". Eu concordo com ela, porque passado o primeiro período e ao ingressar no segundo eu já estava meio que quase jogando a toalha, quase desistindo, de modo que eu faltei duas aulas de um professor muito nobre, Danilo Marcondes, até que uma semana depois [que] eu não assistiria as aulas dele eu o encontrei no estacionamento e ele me perguntou se eu havia desistido do curso da Filosofia. Eu estava quase desistindo, mas quando eu fui abordado por um professor tão útil e demonstrando interesse pelo meu desempenho eu me sentia demais impulsionado a seguir, e foi a partir daquele momento que eu passei a acreditar. Em sala de aula, eu me achava o mínimo pois tinham ali pessoas formadas já com uma ou duas graduações e jovens de outras áreas diferente da Filosofia. Eu não sei se fosse outra área diferente da Filosofia se teria esse mesmo elo comigo. Me sinto feliz como aquelas que pela Filosofia são abraçados. Acho que é verdade que não somos nós que escolhemos o que vamos ser, não fui eu que escolhi a Filosofia. Voltando aquele período passado dos vestibulares, eu na verdade não tentei todos para a mesma disciplina. Eu tentei para a Arquitetura, mas foi na Filosofia em que o melhor me encaixei.

Você conta isso, desses primeiros períodos, que devem ter sido de maior insegurança ou desmotivação, e qual foi o momento no curso de Filosofia que você se convenceu e falou a si mesmo: “eu vou concluir isso daqui”, “isso é para mim”?

Agostinho Rodrigues: Através desta conversa com o Professor Danilo Marcondes, da Filosofia da Linguagem. A partir daquele empurrão que ele me deu, de um professor famoso, ele me empurrou e eu peguei. Eu já estava naquele jeito, como um carro velho quase falhando e ele me empurrou, o motor pegou e aí que eu falei: “caramba, acho que não é por aí não, eu tenho que seguir em frente”. Eu fui a cada vez mais conhecendo professores e matérias diferentes da Filosofia, que se estende por vários ramos. Vamos dizer que tanto na natureza, passando pela política, pela ética, pela linguagem, isso tudo é Filosofia. Então eu fui cada vez mais sentindo mais amor pela Filosofia. Como você já sabe, não é o amor ao conhecimento, ela não torna o formado em nada, mas tão pouco entender de todas as outras disciplinas é ao mesmo tempo vista por muitos como algo inútil, mas a Filosofia, ela abre a porta, ela abre a janela, ela descarta DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2022 | V. XV | N. 15 | EDIÇÃO ESPECIAL
COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA ANCHIETA DA PUC RIO.

que a gente possa perceber os outros valores que existem no mundo e na Filosofia eu entendi isso.

Eu não sei se você também tinha essa percepção, mas na época que você estava no pré-vestibular, e principalmente depois que você passou para o curso de Filosofia, para os alunos do pré e até mesmo para os professores, você passou a ser um grande exemplo. Porque desde o início todo mundo percebia a determinação que você tinha realmente em passar para o curso que você já tinha escolhido desde o início que você queria. Para muitos dos alunos a gente perguntava ao longo do curso pré-vestibular qual área eles queriam, os mesmos diziam: “eu estou indeciso entre isso e aquilo”, e você afirmava: “eu quero Filosofia”, e você passou. Então você percebia o quanto era uma referência para todos no curso pré-vestibular?

Agostinho Rodrigues: Não sei, eu nunca percebi isso, mas notava algo na sala de aula da graduação. Dentro da sala de aula da Filosofia tinha alguma coisa, talvez você percebia algo assim quando se pensava, por exemplo, não sei a questão faixa etária. Tinha alguma coisa assim dos jovens alunos vendo você ali começando aquele curso depois de um tempo de tentativa, de persistência. Você percebia algo dentro da sala da Filosofia. Estar de cabeça branca dentro da sala de aula na maioria das vezes diante de professores que tinham idade para ser meus filhos. Então tanto por parte dos professores quanto por parte dos colegas de sala de aula eu nunca senti essa diferença. Eu não sei se são coisas da Filosofia ou se são méritos deles que nunca me viram assim como alguém diferente em sala de aula e também se isso, algum momento aconteceu, eu estava tão ocupado que não percebi. Mas eu prefiro acreditar que eu fui bem acolhido por todos desde os professores, passando por reitores e alunos. Alguns tinham idade para ser um filho ou talvez até neto, já que estou com 71 anos, portanto quando eu ingressei na Filosofia já estava com meus 60 anos. Eu me formei aos 68 anos.

Agora, Agostinho, voltando mais para o Agostinho filósofo, eu queria entender um pouco por que você sempre teve esse convencimento de fazer a Filosofia.

Agostinho Rodrigues: Eu já morei quase em todos os estados do Brasil. Até recentemente eu estava em Alto Paraíso de Goiás. Estava lá convivendo numa comunidade quilombola entre povos Kalunga e como eu estou sempre em contato com essa gente, é o meio que eu gosto de estar, eu acho que a Filosofia serviu como uma luva. Apesar de poder dar aula para o ensino

médio, hoje não pratico. Eu sou um professor, mas eu dou minhas aulas fora de sala por onde eu passo. Sempre sem querer usar máscara, sem usar filtro. Eu acho na natureza, nas colinas, nos povos, nos lugares, ideais para filosofar, para refletir sobre tudo isso, tudo que eu já passei, por tudo que eu ainda tenho a caminhar pela frente. Reforçando, eu acho que se não fosse a Filosofia eu não estaria tão completo e tão seguro de mim.

Eu sempre acompanhei que você gosta muito das caminhadas, das trilhas, de subir colinas, montanhas e como que para você, depois que iniciou a Filosofia, é estar nestes lugares? Era diferente estar naqueles lugares e pensar sobre você, o aluno e o que aquilo trazia para você enquanto vida?

Agostinho Rodrigues: Hoje eu vejo o mundo de uma forma diferente do que eu via antes. Eu simplesmente apreciava as montanhas, as cachoeiras, as nuvens, mas hoje eu não só vejo como também me levam a refletir sobre mim. Também hoje eu tenho essa outra visão do mundo. Não é à toa que governantes, em nome de um “Deus”, querem tirar a Filosofia e a Sociologia de matérias da educação básica, porque dessa forma não levariam as pessoas a pensar. E isso me faz pensar uma outra ideia de mito.

O que é o mito para você hoje?

Agostinho Rodrigues: Em época de eleição toda cautela é pouca. Nós vivemos momentos de polarizações. Sem a gente ter que entrar no mérito de candidato A ou B.

Para o filósofo Agostinho que concluiu esse curso e tem toda uma bagagem nova de saberes e também tem uma bagagem de vida com diversos conhecimentos, espaços em que esteve, que visitou culturas diferentes, o que é o que estamos vivendo na educação do Brasil? Como vê isso pelo olhar da sua filosofia de vida?

Agostinho Rodrigues: “Eu era apenas um jovem latino americano que vivia sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior”, mas eu nunca fui bobo. Eu uso um argumento para defender na minha visão: eu não tenho político de estimação; eu não tenho esquerda nem direita, eu olho para frente. Mas foi no governo anterior, para não ser desonesto, DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2022 | V. XV | N. 15 | EDIÇÃO ESPECIAL
COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA ANCHIETA DA PUC RIO.

que eu consegui chegar à universidade. Qualquer universidade no Brasil, para mim, sempre foi uma mercadoria cara. Eu já passei por diversas escolas no primário e levei muitos anos para concluir o próprio Ensino Fundamental, porque a minha família ia mudando de bairro, então eu começava numa escola e terminava em outro de outro bairro. Não importava onde eu estava, ia para lá e para cá e daí que meu pai trancava a matrícula e fazia outra. Já passei muito período assim ausente da sala de aula tendo que trabalhar por obrigação. Mas eu sempre persisti. É a palavra certa. Eu sempre perseguia o conhecimento, como nas poucas escolas particulares que eu estudei, como, por exemplo, Colégio Veiga de Almeida antes de existir hoje a UVA [Universidade Veiga de Almeida]. Eu estudei em Vila Isabel no colégio Martins, que era um dos cursos particulares caros. Para me ingressar eu ia nessas escolas e arrumava algum meio de trabalhar dentro dela. Como foi no curso Martins. Eu fui trabalhar na gráfica, onde eu aprendi a fazer apostila. Só que eu não precisava de um salário, eu priorizava a oportunidade de estar numa sala de aula, numa escola melhor do que o ensino público. Hoje eu penso que o aluno que faz a escola. Não adianta também você botar seu filho na melhor escola se também não tiver interesse. Daí meu respeito maior aqueles que estudam à noite, porque miseravelmente o *camarada* passou por uma jornada de pelo menos sete a oito horas de trabalho, mais algumas horas dentro do ônibus ou um trem, um metrô lotado, para chegar do trabalho e ir até a sala de aula. Lembro que quando eu estudei no colégio Martins, muitas vezes eu levantei a voz em sala de aula com aqueles alunos que gritavam lá no fundo da sala e eu estava lá na frente porque queria captar melhor as aulas. Em algumas vezes eu fui elogiado, muitas penalizado, em algumas vezes foi até confundido com um “puxa saco” do professor.

Agostinho, ouvindo a sua história de vida na escola, o que você diria sobre as políticas de permanência estudantil na universidade?

Agostinho Rodrigues: Eu fui beneficiado nesse período na PUC, porque os alunos do pré-vestibular tinham aquele direito, ao Bandeirão. Era muito importante. No meu caso, morando perto da PUC, a questão do transporte para mim não fez muita diferença, mas eu era solidário aos colegas que tinham a necessidade. Alguns colegas vinham da baixada fluminense de outros municípios e essas pessoas que vinham de mais longe do que eu, morando a 10 minutos da PUC, chegavam primeiro do que eu na sala de aula. É importante demais, era e ainda é, porque hoje está meio banido da pauta o tema do auxílio estudantil. Na minha época, eu tinha direito a 100 folhas de papel para imprimir meus trabalhos lá no RDC [Rio DataCentro], era pouca coisa, mas para mim era muito importante porque eu não tinha condição de gastar tanto dinheiro. Foi

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2022 | V. XV | N. 15 | EDIÇÃO ESPECIAL
COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA ANCHIETA DA PUC RIO.

uma mão uma roda porque quem estuda no pré-vestibular não é outra coisa senão a pessoa carente, às vezes, carente de afeto, carente de recursos, de todos os valores que você possa imaginar. No meu caso até mesmo apoio moral dentro. Eu já fui criticado por estar de cabeça branca estudando, “perdendo tempo” estudando Filosofia.

Se você fosse fazer uma descrição de quem deve ser o aluno de pré-vestibulares, qual perfil você diria que essa pessoa precisa ter?

Agostinho Rodrigues: Tem que partir da própria pessoa o interesse em almejar, alcançar certos degraus da vida, como foi o meu caso. Porque não adianta você correr atrás de dois coelhos na floresta, porque você não vai pegar nenhum. Apesar da idade eu ainda sonho em alcançar um mestrado. Continuar a vida lutando pelo que é de direito, que é a educação, que é o estudo. A gente não pode ficar só esperando que os governantes. Ninguém vai bater na tua porta te chamando: “Olha, você tem que sair da sua zona de conforto para ir à luta daquele seu objetivo”. Realmente você vai dar valor a sua conquista depois que ela acontecer. Eu tenho o meu diploma aqui na parede pendurado, como um troféu de uma Fórmula 1, de uma Libertadores. Para mim o significado é tão importante quanto um prêmio desses.

E o que filósofo Agostinho tem de perspectiva acadêmica, seja dentro da academia ou fora dela? O que você pensa para o futuro enquanto filósofo?

Agostinho Rodrigues: Eu me deparei com a ideia de que eu gostarei de um dia ter uma escola, ou seja, a minha casa transformada numa escola. Como aquele modelo em que os alunos vão comer merenda extraída da própria horta, porque não se deve aprender apenas o estudo do que é a tecnologia. Eu gosto muito de conversar com as crianças porque nela eu vejo uma folha de papel em branco que eu posso imprimir o meu conhecimento. Com os adultos não é tão fácil porque não vão aceitar e a criança, ela antes de aceitar aquilo, ela sempre questiona o porquê daquilo. Eu acho isso uma coisa linda. O questionamento das coisas. Eu aprendi na vida que sou mais apaixonado em ouvir a pergunta do que responder.

Para a gente encerrar, quero perguntar para você qual é a mensagem que o Agostinho daria para uma pessoa que quer conquistar o sonho de fazer uma universidade.

Agostinho Rodrigues: A resposta que hoje eu vou dar é meio clichê. Nunca desista dos seus sonhos, por mais difícil que seja. Abraça, persista nele. Nos momentos mais difíceis é que nós temos que provar realmente aquilo que nós queremos. Porque tudo que nos vem de mão beijada não tem o mesmo valor do que você conquista com o trabalho, com dificuldade, com obstáculos. Eu acho que é por isso que hoje eu valorizo tanto o que eu aprendi na filosofia. Vai além daquele diploma que está ali na parede.

Se você fosse falar para essas pessoas alguma coisa a partir do olhar da Filosofia, o que você diria?

Agostinho Rodrigues: Que ninguém é tão jovem, nem demasiadamente velho, para não gostar da Filosofia. Quando eu digo da Filosofia, não é só da Filosofia, mas daquilo que você sonha. Seja Medicina, seja ser um professor, ninguém é demasiadamente jovem nem velho demais. A Filosofia é o caminho. Eu defendo a ideia de que, se um dia puder, eu vou instituir o ensino da Filosofia a partir do centro fundamental. Eu acho que a Filosofia já deveria estar sendo embutida na cabeça das crianças. Tenho uma professora que hoje ela me tem como seu filósofo preferido, que é a professora Raquel do antigo projeto NEAD. Ela me falava que, antes da Filosofia, eu já tinha formação acadêmica, e é verdade porque a escola que eu mais frequentei foi a escola da vida, e até hoje frequento, e ela é de graça, mas também tem que saber o momento certo e o lugar certo para aprender. Certa vez eu comparei a vida entre duas vertentes. Você tem que escolher. Uma te leva para o bem outra para o mal, então um pouco de sorte vai te levar para o caminho do bem.

E você trilhou bem esse caminho?

Agostinho Rodrigues: Eu estava entrando, iniciando, botando meus pés numa nova revolução que é a revolução tecnológica. Até então eu não sabia nem ligar um computador, não sabia mexer no celular. Eu só sabia desligar o celular. Tudo que eu faço hoje e, farei futuramente, é uma forma de estar retribuindo e isso é importante para esse caminho. Isso é o que eu estou fazendo aqui hoje!